

DINÂMICA GEOECONÔMICA DA INDÚSTRIA DE MÓVEIS NO BRASIL PÓS ANOS 2000

GEOECONOMIC DYNAMICS OF THE FURNITURE INDUSTRY IN BRAZIL AFTER THE 2000s

DINÁMICA GEOECONÓMICA DE LA INDUSTRIA DEL MUEBLE EN BRASIL DESPUÉS DE LA DÉCADA DE 2000

RESUMO

A produção moveleira é uma das atividades mais tradicionais da indústria de transformação. Nesse segmento, há predominância da madeira como matéria-prima, que também passa por um processo de transformação industrial para posteriormente ser destinada aos produtores de mobiliário. Além disso, a cadeia do setor de móveis possui encadeamentos nos ramos de bens de capital (máquinas e equipamentos) e de bens intermediários (têxteis, tintas, embalagens, peças, partes metálicas etc.). O objetivo do artigo é apresentar um panorama geral da produção de móveis, enfatizando as análises na dinâmica do setor no Brasil a partir dos anos 2000. Para atingir o objetivo, recorre-se à pesquisa bibliográfica por meio do estado da arte publicado sobre o tema, além de dados dos principais repositórios. Argumenta-se que a produção brasileira de móveis foi alçada a um novo patamar de desenvolvimento ensejado a partir das políticas econômicas e sociais colocadas em prática nos governos Lula-Dilma. Essa constatação está fundamentada em dados da realidade, os quais estão expostos no texto. No melhor momento para o setor, o número de empregos formais cresceu 4,15% entre 2007-13, desempenho bem diferente se comparado aos -3,40% entre 2014-19 (RAIS, 2019). Já o valor da produção industrial cresceu 10,23% e -0,15% respectivamente nos mesmos períodos (IBGE, 2018).

Palavras-chave: Crescimento Econômico; Setor moveleiro; Dinâmica Espacial; Inovação; Geografia Econômica.

ABSTRACT

Furniture production is one of the most traditional activities in the transformation industry. In this segment, wood predominates as a raw material, which also undergoes an industrial transformation process to later be destined for furniture producers. In addition, the furniture sector chain has links in the branches of capital goods (machinery and equipment) and intermediate goods (textiles, paints, packaging, parts and metal parts, etc.). The objective of the article is to present an overview of furniture production, emphasizing the analysis of the dynamics of the sector in Brazil from the 2000s. To achieve this objective, bibliographic search is used through the state of the art published about the theme, in addition to data from the main repositories. It is argued that the Brazilian furniture production was raised to a new level of development based on the economic and social policies put into practice in the Lula-Dilma governments. This finding is based on reality data, which are exposed in the text. At the best moment for the sector, the number of formal jobs grew by 4,15% between 2007-13, a very different performance compared to -3,40% between 2014-19 (RAIS, 2019). The value of industrial production grew by 10.23% and -0,15% respectively in the same periods (IBGE, 2018).

Keywords: Economic Growth; Furniture sector; Spatial Dynamic; Innovation; Economic Geography.

RESUMEN

La fabricación de muebles es una de las actividades más tradicionales de la industria de transformación. En este segmento se predomina la madera como materia prima, que también pasa por un proceso de transformación industrial para luego ser destinada a los productores de muebles. Además, la cadena del sector de muebles

 Bruno Saggiorato ^a

^a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

DOI: 10.12957/geouerj.2023.64880

Correspondência: saggiorato38@gmail.com

Recebido em: 24 jan. 2022

Revisado em: 11 mar. 2022

Aceito em: 19 mar. 2023



tiene eslabones en las ramas de bienes de capital (maquinaria y equipo) y bienes intermedios (textiles, pinturas, embalajes, repuestos y partes metálicas, etc.). El objetivo del artículo es presentar un panorama general de la producción de muebles, con énfasis en el análisis de la dinámica del sector en Brasil a partir de la década de 2000. Para llegar al objetivo, se recurre a la búsqueda bibliográfica por medio del estado del arte publicado sobre la temática, además de los datos de los principales repositorios. Se argumenta que la producción brasileña de muebles fue elevada a un nuevo nivel de desarrollo ocurrido a partir de las políticas económicas y sociales puestas en práctica en los gobiernos Lula-Dilma. Esta constatación se basa en datos de la realidad, que están expuestos en el texto. En el mejor momento del sector, el número de empleos formales creció 4,15% entre 2007-13, rendimiento muy diferente de los -3,40% entre 2014-19 (RAIS, 2019). El valor de la producción industrial creció 10,23% y -0,15% respectivamente en los mismos periodos (IBGE, 2018).

Palabras-clave: Crecimiento Económico; Sector de muebles; Dinámica Espacial; Innovación; Geografía Económica.



INTRODUÇÃO

A indústria moveleira no Brasil possui 229.866 trabalhadores empregados formalmente, o que equivale a 2,90% dos empregos da indústria de transformação¹ (RAIS, 2019). Já no valor da produção, o segmento totalizou R\$ 26,3 bilhões², correspondendo a 0,82% do valor da produção industrial total³ (IBGE, 2018).

O texto a ser apresentado é um dos resultados de pesquisa, a nível de Mestrado, que teve como temática a industrialização de Ampére, município considerado como o principal polo da mesorregião Sudoeste Paranaense na produção de móveis, e que ocupa hoje a 6ª posição no estado do Paraná na geração de empregos nesse setor, segundo dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).

O artigo justifica-se por conta da carência de estudos sobre o setor moveleiro no campo da Geografia e mais especificamente na Geografia Econômica. O objetivo do trabalho é apresentar um panorama geral da produção de móveis, concentrando as análises na dinâmica do setor no Brasil pós anos 2000, buscando compreender como se deram as principais transformações em quatro dimensões fundamentais do setor: histórica, produtiva, espacial e tecnológica, visando apreender a totalidade desse fenômeno e as suas relações com a economia nacional.

Para atingir o objetivo proposto, o texto teve como percurso metodológico os seguintes passos: inicialmente uma revisão bibliográfica sobre temas como inovação, produção moveleira, industrialização e crescimento econômico por meio de artigos, dissertações, livros etc. Posteriormente foram coletados dados da RAIS⁴, Ministério da Economia, Atlas of economic complexity e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como por exemplo a Pesquisa Industrial de Inovação Tecnológica (PINTEC), principal referência de inovações nos setores industriais do Brasil. Por fim, empenhou-se esforços em analisar as informações e dados obtidos nas etapas anteriores.

Durante os governos Lula (2003-2010) e Dilma (2011-2016), principalmente entre os anos 2006-2013, o Brasil passou por mudanças importantes de política econômica, suscitando num crescimento econômico considerável e no desenvolvimento de diversos setores, inclusive o moveleiro. Vários autores se dedicaram a

¹ A indústria de transformação no Brasil emprega 7,9 milhões de trabalhadores (16,61% dos empregos formais totais). Do total de vínculos na indústria, os setores que mais se destacam são: Fabricação de produtos alimentícios, com 20,18%; Confeção de artigos do vestuário e acessórios, com 6,75%; Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias, com 5,34%; Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos, com 5,19%; e Fabricação de produtos de borracha e material plástico, com 5,09% (RAIS, 2019).

² Valores das quatro classes que compõem o grupo 31 da CNAE: móveis com predominância de madeira (59,69%), fabricação de colchões (20,15%), móveis com predominância de metal (16,73%) e móveis de outros materiais, exceto madeira e metal (3,20%) (IBGE, 2018).

³ Os setores com maior contribuição são: Extração de petróleo e gás natural, com 8,10%; Fabricação de produtos do refino de petróleo, com 5,98%; Fabricação de automóveis, camionetas e utilitários, somando 4,46%; Abate de suínos, aves e outros pequenos animais, com 3,28%; Extração de minério de ferro, com 2,97%; e Abate de reses, com 2,89% (IBGE, 2018). Juntos, esses segmentos somam 27,68% do valor da produção industrial brasileira.

⁴ Dados que se estendem até 2019, pois as consequências causadas pela pandemia da Covid-19 em 2020 e 2021 merecem outro estudo para compreender esse período complexo.

debater esse período, embora com perspectivas teóricas diversificadas, e empreenderam esforços para compreender os principais determinantes desse processo, como, por exemplo, Carvalho (2018), Medeiros (2017), Espíndola (2019), Bresser-Pereira (2016), Paulani (2017) e Pomar (2016).

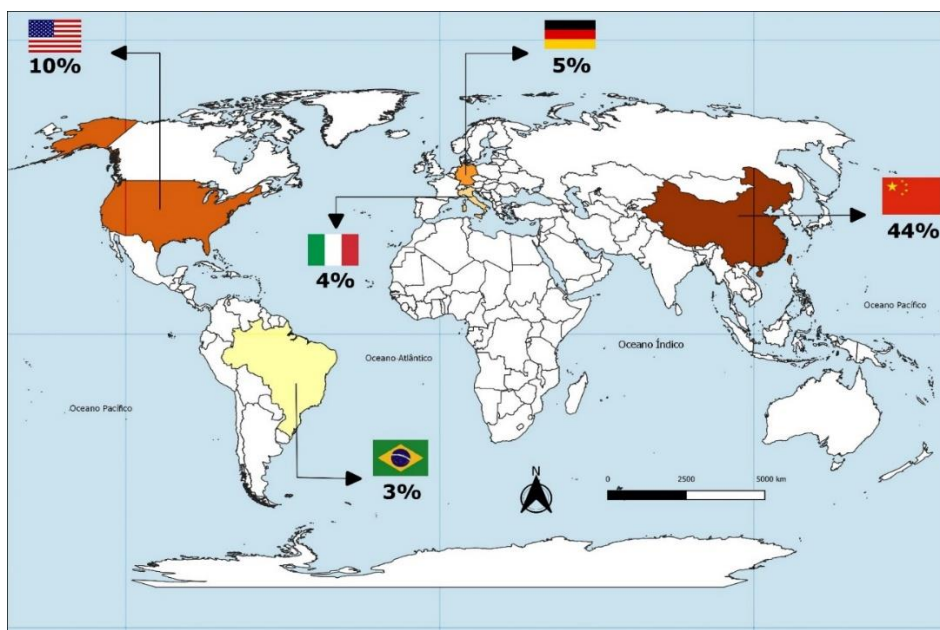
Para além dessa seção e das considerações finais, o artigo está dividido em mais quatro partes. Na primeira, será apresentado a dinâmica mundial atual desse segmento. No segundo momento será discutido aspectos da cadeia de móveis brasileira, como questões técnicas e históricas. Posteriormente, a atenção se voltará para a configuração recente do setor no Brasil, buscando mostrar a dinâmica geográfica e produtiva e por fim, será discutido as inovações do setor moveleiro no Brasil ao longo do tempo.

Panorama do setor moveleiro no mundo

Essa primeira seção é relevante para verificar a dinâmica produtiva mundial do setor, ou seja, onde se dá a produção a nível internacional e o comércio (exportações e importações), possibilitando, inclusive, visualizar a participação do Brasil nesse contexto.

Conforme mostra a Figura 1, dez países concentram 77% da produção de móveis. A China é hoje a maior fabricante, com impressionantes 44% da produção, seguida dos Estados Unidos, com 10%, Alemanha, com 5%, Itália, com 4%, e Brasil, quinto maior produtor mundial, com 3%. O continente asiático é o maior consumidor (46%), com a China respondendo por 73% na Ásia e 34% do consumo global (FIEP, 2017).

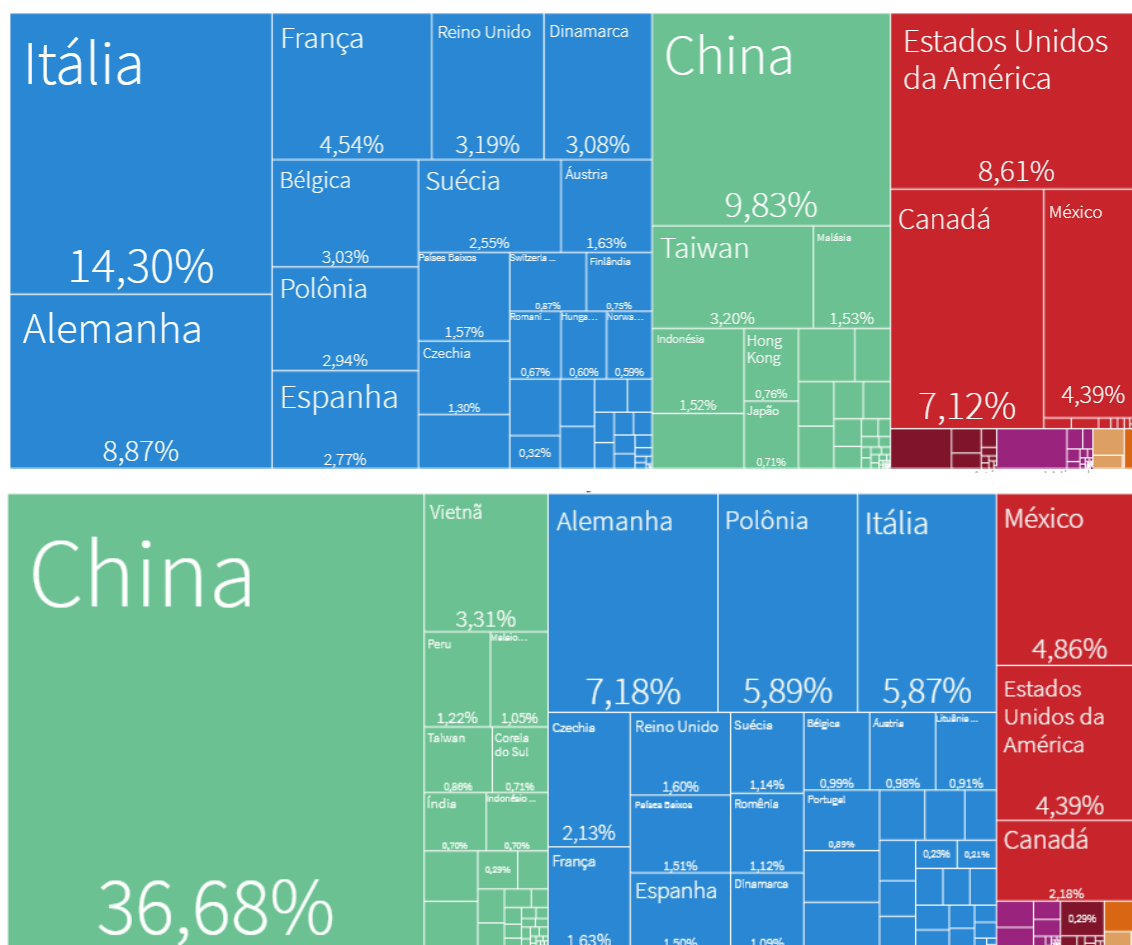
Figura 1. Principais produtores mundiais de móveis em 2015 (% da produção). Fonte: FIEP, 2017, p. 21. Organizado pelo autor, 2021.



Além de concentrar quase metade da produção moveleira, a China também é o principal exportador do produto, com 36,68% do mercado mundial, seguida da Alemanha, com 7,18%, Polônia, com 5,89%, Itália, com 5,87%, México, com 4,86%, e EUA, com 4,39%. O Brasil consome grande parte da sua produção, mas é um exportador tímido, com participação de apenas 0,29% (THE ATLAS OF ECONOMIC COMPLEXITY, 2018).

A terceira etapa da pesquisa se caracterizou pela análise dos áudios gravados, bem como das informações registradas no bloco de anotações e no diário de campo. Esta etapa foi organizada a partir das premissas de Bardin (1979), configurando-se, portanto, em três momentos distintos e complementares: escutas dos áudios e leituras iniciais das anotações feitas, para estruturar e sistematizar as informações coletadas, em conformidade com o objetivo do artigo (pré-análise); agrupamento dos elementos comuns identificados nas falas das colaboradoras (exploração do material); interpretação dos dados, a partir da tentativa de compreensão do contexto sociocultural ao qual as colaboradoras estão inseridas, bem como do *corpus* teórico utilizado para fundamentar as análises (tratamento dos resultados obtidos e interpretação).

Figura 2. Participação dos países nas exportações totais de móveis – primeiro plano: 1998; segundo plano: 2018. Fonte: Atlas of economic complexity. Organizado pelo autor, 2021.

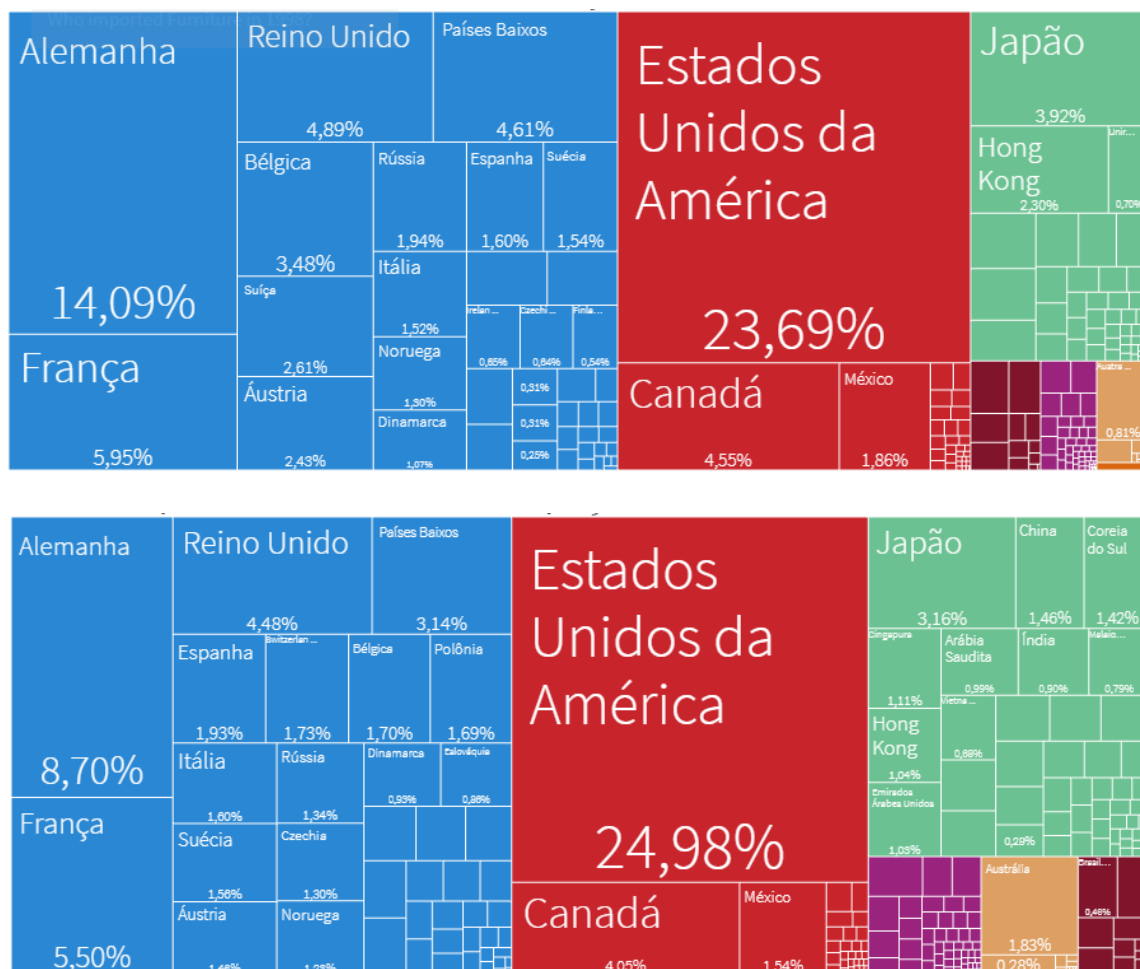


Claramente é possível perceber na Figura 2 que a principal mudança no comércio internacional de móveis foi a emergência da China como líder mundial, país que já era um dos principais exportadores no final dos anos 1990, mas que no decorrer dos anos 2000 assumiu a dianteira com uma vantagem considerável, avançando em mercados que, no passado, eram atendidos pela Alemanha, Itália, Estados Unidos e Canadá, fundamentalmente.

Para se ter uma ideia em valores, segundo o Atlas of economic complexity, a China exportou em 2018 um total de US\$ 90,9 bilhões em móveis, número bem superior ao da Alemanha com US\$ 17,7 bilhões, da Polônia com US\$ 14,5 bilhões e Itália com US\$ 14,4 bilhões, respectivamente segundo, terceiro e quarto colocados.

Também é oportuno apontar que, à medida em que a China diversificou e avançou em cadeias produtivas complexas e na fronteira tecnológica (5G, indústria aeroespacial, biotecnologia, transportes etc.), o país não abandonou setores tradicionais da indústria de transformação, como o moveleiro.

Figura 3. Participação dos países nas importações de móveis – primeiro plano: dados de 1998; segundo plano: dados de 2018. Fonte: Atlas of economic complexity. Organizado pelo autor, 2021.





Quanto às importações, de acordo com a Figura 3, as mudanças em 20 anos foram mais sutis que as exportações. Os Estados Unidos continuam sendo o principal demandante mundial de móveis, com praticamente ¼ desse mercado consumidor. A Europa também mantém sua grande demanda pelo produto. A principal novidade parece ser o aumento relativo das importações no continente asiático.

Características da cadeia de produção de móveis no Brasil

Em sua gênese, a produção de móveis era realizada de forma artesanal no Brasil, mais especificamente no interior das fazendas de escravos, onde se produziam também vestimentas, ferramentas para o trabalho etc., sobretudo quando os ciclos longos impuseram dificuldades às importações, incentivando a substituição desses bens pela produção interna, como ocorreu no ciclo depressivo de 1815-1848⁵.

No final do século XIX, a produção de móveis começava a implementar algum tipo de maquinaria no processo produtivo; assim,

Os processos de fabricação artesanais começaram a ser substituídos pela mecanização no final do século XIX, a fim de facilitar a produção. Coutinho et al. (2001) relatam que devido ao grande fluxo imigratório no início do século XX, surgiram pequenas oficinas de artesãos italianos em São Paulo e municípios limítrofes, como Santo André, São Caetano e São Bernardo. Os autores consideram este momento como o início da indústria moveleira, atrelada à primeira fase do desenvolvimento industrial brasileiro, onde a maior parte de sua produção procurava atender ao mercado popular em formação. Até então, como apontam Bayeux (1997) e Devides (2006), as marcenarias produziam mobiliário de forma híbrida e foi durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) que o Brasil teve a sua primeira experiência em termos de produção seriada, com a linha de móveis em madeira vergada desenhada pelo marceneiro espanhol Celso Martinez Carrera (1883-1955), em 1915. (ARRUDA, 2009, p. 28).

Porém, não se tratava de um setor industrial desenvolvido e moderno, o que viria a acontecer somente em meados do século XX, quando a dinâmica da industrialização brasileira havia criado as condições concretas e institucionais para o desenvolvimento do setor de móveis.

Quais os ramos industriais que se desenvolveram no Brasil até as primeiras décadas do século XX? As produções industriais mais avançadas eram as de alimentos, têxteis e vestuário. Alguns destes setores já eram claramente industriais: tecidos de algodão, lã e juta, além da produção de açúcar, fósforos e cerveja, enquanto outros permaneciam ainda com características manufatureiras e mesmo artesanais, como as produções de calçados, chapéus, cigarros e charutos, móveis, banhas, charque, além dos curtumes e oficinas mecânicas e fundições. A produção de tecidos de algodão, entretanto, era de longe a mais importante. (MAMIGONIAN, 2000, p. 38. Grifo nosso).

Boa parte das primeiras iniciativas, tanto artesanais, quanto industriais, provieram de imigrantes italianos e alemães, sobretudo no Sul do país, e portugueses principalmente no Sudeste, os quais já chegaram no Brasil com conhecimento e técnica para o trabalho com a madeira – alguns inicialmente com serrarias e depois passando a produzir móveis.

⁵“A ociosidade de terras e braços antes voltados à exportação foi canalizada à produção de alimentos e matérias-primas e à produção de tecidos, móveis, roupas etc., que realizavam uma substituição de importações no interior das fazendas escravistas.” (MAMIGONIAN, 2000, p. 31).



No decorrer dos anos 1960-70, a indústria moveleira expandiu significativamente devido ao aumento da demanda por móveis, o que é explicado, dentre outros fatores, pelo incentivo do Governo Federal à construção civil, mais precisamente pela criação do Banco Nacional de Habitação (BNH), uma política habitacional que alavancou a produção de móveis (PEREIRA, 2009).

Portanto, é somente com a industrialização do país e ampliação da divisão social e territorial do trabalho que o complexo rural foi se desestruturando e criando também demanda para bens de consumo, inclusive móveis, que abandonam a predominância da produção artesanal no interior das fazendas e passam a ser produzidos por firmas especializadas, ou seja, o mobiliário se tornou um ramo moderno da indústria.

Nas últimas décadas, a produção de móveis passou por transformações relevantes desde a matéria-prima, como a madeira, e transitando pelas máquinas e equipamentos, permitindo expandir a produtividade, como o desenvolvimento do MDF ⁶ nos anos 1990, que, segundo Mazzochin (2010, p. 32), “Por suas características de poder ser torneado, este tipo de painel tornou-se uma matéria-prima muito desejada pela indústria moveleira, em razão da sua versatilidade e do melhor acabamento que propicia aos móveis.”.

Atualmente, existe uma surpreendente gama de produtos, cores, design e materiais disponíveis para móveis, que podem ser desenhados e fabricados de acordo com as demandas de cada consumidor no caso dos móveis planejados.

Durante a década de 90, a cadeia produtiva de madeira e móveis em termos mundiais sofreu grandes transformações com conseqüentes (SIC) ganhos de produtividade, não somente no que se refere à introdução de equipamentos automatizados na área produtiva e à utilização de novas técnicas de gestão, como também ao uso de outras fontes de matérias-primas, já que por questões ambientais a utilização de madeiras nobres encontra hoje uso restrito (COUTINHO et al., 2002, p. 06).

Além disso,

Podemos destacar que por ser um setor que inicia sua prospecção a novos mercados na década de 1970, o setor moveleiro não teve tempo hábil para se estabilizar na economia nacional, sofrendo um grande choque na crise dos anos 1980 e nas reestruturações no início dos 1990. O primeiro foi a intensificação do processo de diminuição do número de funcionários e de indústrias que se processou até o ano de 1995 herdado em parte da década de 1980 e aumentado pela abertura comercial. Por outro lado, à abertura comercial “instituiu” a necessidade da inovação para as que desejassem permanecerem ativas, necessitariam uma redefinição do alcance do perfil de negócios, como também importantes esforços de reorganização produtiva (RODRIGUES, 2008, p. 72-73).

A produção moveleira é uma das atividades mais tradicionais da indústria de transformação. Nesse segmento, há predominância da madeira como matéria-prima, que também passa por um processo de transformação industrial para posteriormente ser destinada aos produtores de mobiliário ⁷. Além disso, a

⁶ “Os painéis são estruturas fabricadas com madeiras laminadas ou em diferentes estágios de desagregação, que são aglutinadas pela ação de pressão e temperatura, com uso de resinas em alguns casos. Esse tipo de produto substitui a madeira maciça em diferentes usos, como na fabricação de móveis e pisos. Eles surgiram como uma necessidade gerada pela escassez e pelo encarecimento da madeira maciça. A madeira aglomerada/MDP é utilizada principalmente na fabricação de móveis retilíneos (tampas de mesas, laterais de armários e estantes e divisórias). O MDF [...] por permitir usinagem, presta-se a usos que o aglomerado/MDP não permite, principalmente na confecção de portas usinadas, pés torneados de mesas, caixas de som, fundos de gaveta e de armários.” (MAZZOCHIN, 2010, p. 135; 137-139).

⁷ “A indústria moveleira do Brasil tem histórica especialização na produção de artigos confeccionados com madeira, já que fatores geográficos e climáticos favorecem a oferta em abundância de insumos de origem florestal no país. De acordo com informações da Associação das Indústrias de Móveis do estado do Rio Grande do Sul (Movergs) referentes ao ano de 2011, a fabricação de móveis de



cadeia do setor de móveis possui ligações nos ramos de bens de capital (máquinas e equipamentos) e de bens intermediários (têxteis, tintas, embalagens, vidros, adesivos, peças e partes metálicas etc.).

Uma das particularidades do setor diz respeito à baixa barreira à entrada, ou seja, o capital inicial investido não é demasiadamente elevado para certos tipos de produção, como em pequena escala destinado a mercados locais. Com relação às inovações nesse setor, as mais importantes são de máquinas e equipamentos, novos materiais e design de produto (GALINARI, TEIXEIRA JUNIOR E MORGADO, 2013).

Madeira maciça ou reconstituída (painéis MDF, MDP etc.) representa cerca de 84% do total produzido nacionalmente” (GALINARI, TEIXEIRA JUNIOR E MORGADO, 2013, p. 231-232). “A madeira processada é feita através dos processos de trituração de madeira maciça em minúsculas fibras, de mistura destas com outras substâncias químicas, de compressão, de laminação, de colagem e de secagem em temperatura e pressão elevadas. Ela é normalmente utilizada na fabricação de partes de móveis e pode ser: a) **madeira aglomerada**, de qualidade bem rudimentar, tendo densidade e durabilidade bem menores (sem resistência à pregação e à umidade), utilizada na fabricação de tampos de mesas, partes laterais de portas e de armários, *racks*, divisórias e estantes; b) **madeira serrada**, também de qualidade rudimentar, utilizada na fabricação de tampos de mesas, partes frontais e laterais de balcões, partes laterais de gavetas, assentos, estruturas de cadeiras, de sofás e de camas, molduras, embalagens, pés de mesas, de camas e de *racks*, estrados e acabamentos de móveis; c) **madeira compensada**, de qualidade mais aprimorada, tendo densidade e durabilidade relativamente maiores, utilizada na fabricação de fundos de gavetas e de armários, armários, roupeiros, tampos de mesas, partes laterais de móveis, braços de sofás e prateleiras; d) **chapa de madeira compensada de média densidade** (*medium density fiberboard*), de qualidade superior à das madeiras processadas relacionadas anteriormente, sendo mais grossa e tendo maior durabilidade, utilizada na fabricação de componentes frontais, internos e laterais de móveis, fundos de gavetas, estantes, tampos de mesas e *racks*; ou e) **chapa de madeira compensada dura** (*hardboard*), de qualidade bem semelhante à da madeira maciça, sendo a mais grossa e a mais homogênea de todas, utilizada na fabricação de fundos de gavetas, de armários e de *racks*, tampos de móveis, móveis para uso infantil e divisórias.” (PEREIRA, 2009, p. 45-46).

Desenvolvimento e dinâmica espacial do setor moveleiro nos anos 2000

Galinari, Teixeira Junior e Morgado (2013) afirmam que, apesar da concorrência internacional, a indústria brasileira de móveis tem mantido competitividade no mercado doméstico, produzindo grande parte do mobiliário consumido no país. As importações mais significativas ocorrem apenas para móveis de materiais plásticos e metais, segmentos em que o Brasil é pouco competitivo.

No nosso país, a produção moveleira se concentra fundamentalmente nas regiões Sul e Sudeste, onde estão 86% do valor bruto da produção industrial total. O Rio Grande do Sul lidera com 24,21% da produção nacional, seguido de São Paulo, com 23,32%, Paraná, com 16,26%, Minas Gerais, que participou com 9,84%, Santa Catarina, com 9,59%, e Rio de Janeiro, com 2,93% (IBGE, 2018).

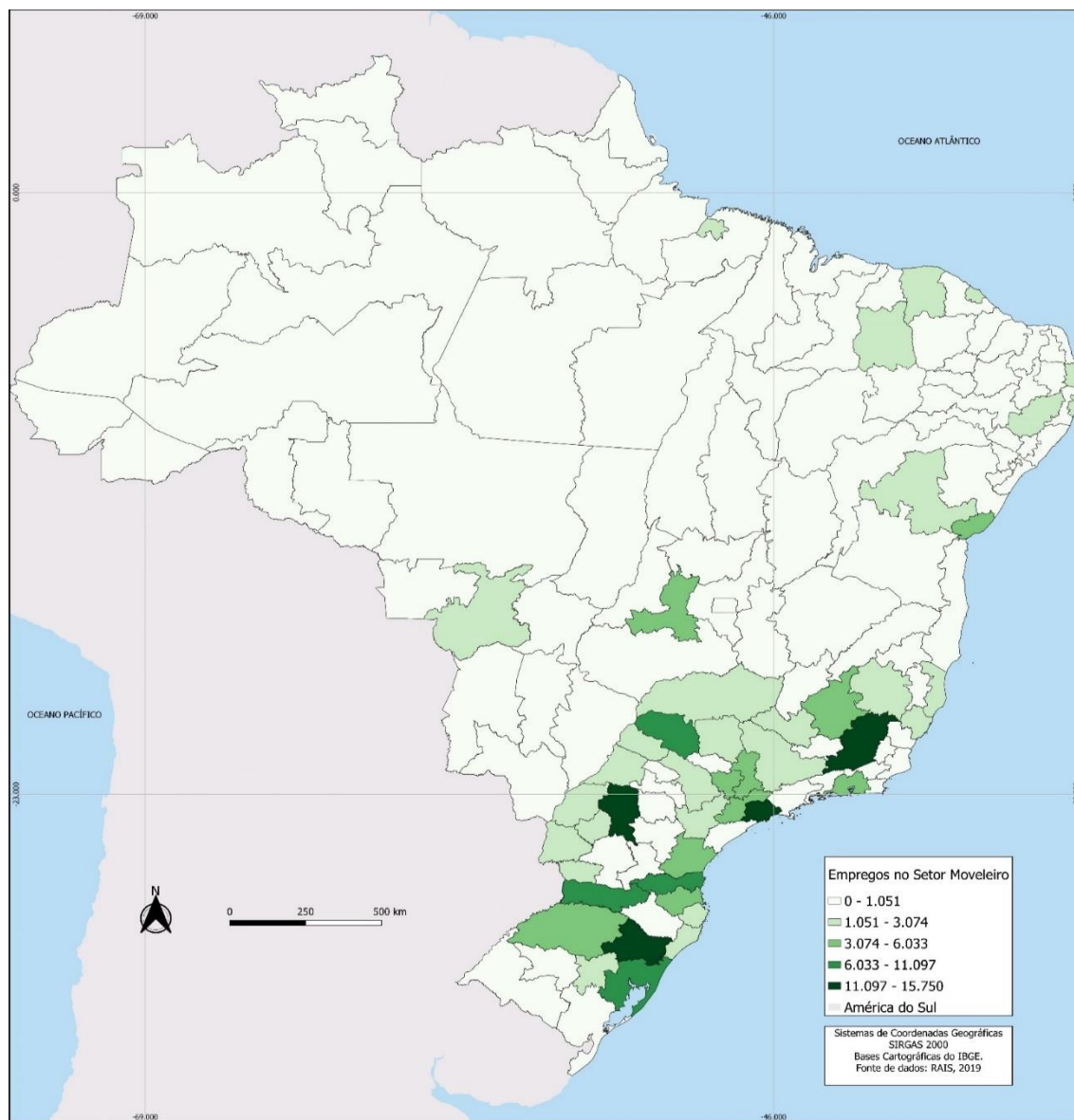
Atualmente, no Brasil, utilizando como critério o número de empregos, quatro polos de produção se destacam e habitam as maiores empresas do segmento no país. No Rio Grande do Sul, destaca-se a mesorregião Nordeste Rio-Grandense, que possui 15.750 trabalhadores no setor, o que corresponde a 46,49% dos empregos estaduais na produção de móveis. O município de Bento Gonçalves lidera com 5.752 empregos (16,98% do estado) (RAIS, 2019). No Paraná, a mesorregião Norte Central concentra 15.668 empregos, número que representa 46,68% dos trabalhadores do setor no estado. Em Arapongas está a maior parcela dos empregos da região, que somam 9.026 trabalhadores, representando 26,85% do setor no estado. Arapongas também é o município no Brasil que mais gera empregos na produção de móveis (RAIS, 2019).

Encontra-se em Minas Gerais outra importante região na produção moveleira. A Zona da Mata possui 15.674 pessoas empregadas no setor (50,55% do estado). Ubá é o município mineiro que lidera na região com 8.758 trabalhadores ou 28,24% dos vínculos no estado (RAIS, 2019). Por fim, considera-se o estado de São Paulo. Na grande capital (mesorregião Metropolitana) são 15.517 empregos, que equivalem a 28,96% no estado. A capital paulista é o município que se destaca com seus 4.328 vínculos formais (8,07% do estado).

Porém, além dessas, existem outras mesorregiões e municípios que possuem uma produção moveleira significativa, como é o caso da mesorregião Norte Catarinense, com um total de 9.931 empregos na produção moveleira, o que corresponde a 34,87% dos trabalhadores do setor no estado. São Bento do Sul, com 4.949 empregos, é o município que mais gera vínculos do setor na região e também no estado (17,37%). São José do Rio Preto e Porto Alegre também são exemplos de locais com produção relevante no setor.

As cinco mesorregiões citadas aqui representam juntas 31,56% dos 229.866 trabalhadores do setor no Brasil. Em todas essas mesorregiões, conforme se verificou, há um município que se destaca no setor e, consequentemente, concentra as firmas mais importantes.

Figura 4. Empregos no setor de produção de Móveis em 2019 por Mesorregião brasileira. Fonte: RAIS, 2019. Organizado pelo autor, 2021.



Outro aspecto interessante a se mencionar sobre esse segmento no país é sua heterogeneidade produtiva. Ocorre no setor o que se pode chamar de uma “[...] coexistência e coabitação da indústria moderna e de técnicas pré-industriais” (HIRSCHMAN, 1961, p. 192) e, além disso, o progresso e o atraso “[...] podem coexistir numa grande proximidade espacial.” (HIRSCHMAN, 1961, p. 277).

É grande a heterogeneidade do setor no tocante ao uso de tecnologias. Alguns tipos de produto admitem processos de fabricação com elevada automação, como os móveis retilíneos elaborados com madeiras reconstituídas (MDF, MDP etc.), enquanto outros demandam grande quantidade de trabalhos manuais, como os móveis artesanais de madeira maciça. Coexistem no setor empresas de porte médio ou grande que produzem em massa, empregando máquinas e equipamentos de elevado conteúdo tecnológico, empresas parcialmente automatizadas, além de micro e pequenas empresas intensivas em trabalho. Esses atributos determinam uma estrutura de mercado pulverizada, heterogênea, dotada de variados nichos e com presença marcante de micro e pequenas empresas. A diversidade do setor também é grande no que tange ao padrão de concorrência, já que a competição é pautada basicamente por preços, nos segmentos mais populares, e por atributos como qualidade, design e marca, nos superiores (GALINARI, TEIXEIRA JUNIOR E MORGADO, 2013, p. 229- 230).

Com relação à dinâmica recente da indústria brasileira, pode-se dizer que a crise dos anos 1980, que coincidiu com a fase recessiva do 3º ciclo de Kondratiev, somada à subsequente adoção de políticas neoliberais, causou uma reorientação da economia nacional, ou, mais precisamente, uma mudança no pacto de poder, no qual a indústria e o crescimento econômico deixaram de ser o foco das políticas do período.

Nesse contexto de abertura financeira e comercial abrupta, as firmas que sobreviveram foram as que conseguiram reestruturar seu processo produtivo, incluindo inovações em processo e produto e mudanças administrativas e organizacionais tanto no âmbito gerencial quanto do trabalho, somado a outros fatores particulares do setor de móveis, uma vez que a competitividade das firmas brasileiras deve ser analisada setorialmente, pois cada ramo da produção apresenta suas próprias combinações geoeconômicas e estratégias de mercado.

Dando seguimento à discussão da dinâmica recente do setor moveleiro, ressalta-se ainda a importância da seguinte formulação:

Se observarmos microeconomicamente o desenvolvimento de uma economia qualquer – planejada ou não -, vamos descobrir que sempre estão surgindo e desaparecendo, crescendo e minguando o que se convencionou chamar de unidades econômicas ou unidades produtivas. Essas unidades são para a economia o que as células são para a biologia ou, para estendermos mais ainda a analogia, o que o átomo e as moléculas são para a física. Nenhum fenômeno pode ser entendido se não estudarmos e relacionarmos os movimentos internos da unidade com seus movimentos externos que, agregativamente, nos dão a macroeconomia (RANGEL, 1956, p. 253).

Importante ressaltar que, ainda que existam características próprias nesse ramo produtivo, este é parte de uma totalidade – da economia nacional e das leis do modo de produção capitalista, sobretudo. Assim, para desvendar tal fenômeno, busca-se apreender as relações mais amplas como explicação do processo. Destarte, políticas econômicas e sociais repercutem no desenvolvimento dos mais diversos setores da economia.

Nesse sentido, conforme destacou um dos precursores da Geografia Moderna, “[...] is a knowledge of the relations of things that leads to a scientific interpretation, not the description of detached parts.” (RITTER, [1865] 2017, s.p). Portanto, somente o estudo das partes separadas não oferece compreensões científicas.

Tanto os ciclos de crise, quanto os de crescimento econômico do Brasil repercutem positiva ou negativamente nessas empresas, que fabricam produtos de uso popular, consumidos por uma fração



considerável da população, o que significa que incentivos à demanda agregada (KEYNES, 1985) dinamizam diversos setores industriais. Nesse sentido,

Ora, nada pode induzir os capitalistas a iniciar novos projetos – sejam eles progressivos ou regressivos – se a produção corrente não é vendida. E ela não o será se: a) os trabalhadores, que usualmente gastam em consumo toda a sua renda, tiverem esta última reduzida; b) se os capitalistas, como classe, não inventarem, dado que eles usualmente gastam em consumo apenas uma fração de sua renda (RANGEL, [1959] 1987, p. 147-148).

É importante também lembrar que

[...] o Brasil tem o privilégio de possuir ao mesmo tempo três poderosas frentes de expansão, três “motores” do desenvolvimento, um conjunto que poucos países do mundo possuem: Um amplo mercado interno de consumo de massa – que será tanto mais amplo quanto melhor vier a ser a distribuição da renda (BIELSCHOWSKY, 2012, p. 730).

Nesse contexto, argumenta-se que a produção brasileira de móveis foi alçada a um novo patamar de desenvolvimento forjado no bojo dos investimentos e das políticas sociais desenhadas nos governos Lula-Dilma. Em 2003, o Partido dos Trabalhadores chegou ao poder no Brasil, quando houve inegavelmente uma preocupação com o aumento e distribuição da renda⁸, expansão do crédito⁹ e investimentos públicos em diversas áreas importantes.

O diferencial dos governos de Lula/Dilma em relação aos governos abertamente neoliberais que o precederam é que, a despeito da permanência dessas tendências e de sua pouca disposição de bulir com elas, eles lograram, graças às boas condições internacionais do período e, em seu início, ao espaço aberto pelo elevado nível de desvalorização do câmbio provocado pela própria eleição de Lula, implementar um modelo conciliatório, em que os ganhos dos de cima, em particular da elite financeirizada, puderam conviver com políticas sociais de alto impacto e ganhos aos de baixo (PAULANI, 2017, p. 31-32).

As políticas governamentais adotadas em confluência com um cenário externo favorável permitiram que o Brasil experimentasse taxas de crescimento econômico interessantes pós 2003.

Com a relativa melhoria da economia e retomada dos investimentos em diversos setores industriais, o governo Lula conseguiu acomodar os interesses conflitantes. A retomada do crescimento de 2006 a 2010 animou os defensores de políticas de desenvolvimento, que passaram a falar em novo-desenvolvimentismo. O sucesso concreto da política do período foi inegável, como redução da dívida externa, aumento significativo da renda em todos os estratos, aumentos do salário mínimo acima da inflação, redução do desemprego para níveis considerados de pleno emprego, retomada do crescimento de todos os setores da economia, crescimento das exportações com grande acumulação de reservas externas, redução da desigualdade com inclusão de milhões de pessoas no mercado de consumo entre outras (MEDEIROS, 2017, p. 275).

⁸ Criado em 2003 pelo Governo Federal, o Programa Bolsa Família atendia 3,6 milhões de famílias em janeiro de 2004. Em 2010, o número de beneficiados já chegava a 12,8 milhões. Mesmo respondendo por uma parcela pequena da renda total das famílias brasileiras – cerca de 0,4% em 2003 e 1,28% em 2011 –, o programa foi responsável por uma redução substantiva nos índices de pobreza e, assim, na desigualdade de renda no Brasil (CARVALHO, 2018, p. 18).

⁹ Não foi só pela renda, entretanto, que se deu a redução das desigualdades e o estímulo ao consumo nos anos do Milagre. O país também passou por um processo expressivo de inclusão financeira. O aumento da carteira de crédito às famílias foi impulsionado inicialmente pelas operações com recursos livres, que reúnem todas as linhas de financiamento ao consumo, e depois, em menor escala, pela expansão do chamado crédito direcionado – concedido primordialmente pelos bancos públicos para financiamento habitacional e rural. Enquanto o crédito livre engloba financiamentos em que os bancos delimitam livremente a taxa de juros, o crédito direcionado se dá, de forma geral, com taxas de juros mais baixas e prazos maiores, tal como determinado por políticas públicas (CARVALHO, 2018, p. 22).

O programa Minha Casa, Minha Vida (MCMV), criado em 2009, por exemplo, impactou diretamente de forma positiva no setor de produção de móveis no Brasil, contribuindo para que a mão de obra moveleira tivesse um bom desempenho nesse período, como mostram na sequência os dados de empregos formais, valor da produção e quantidade produzida.

Gráfico 1. Evolução dos empregos formais no setor de produção de móveis no Brasil. Fonte: RAIS. Organizado pelo autor, 2021.

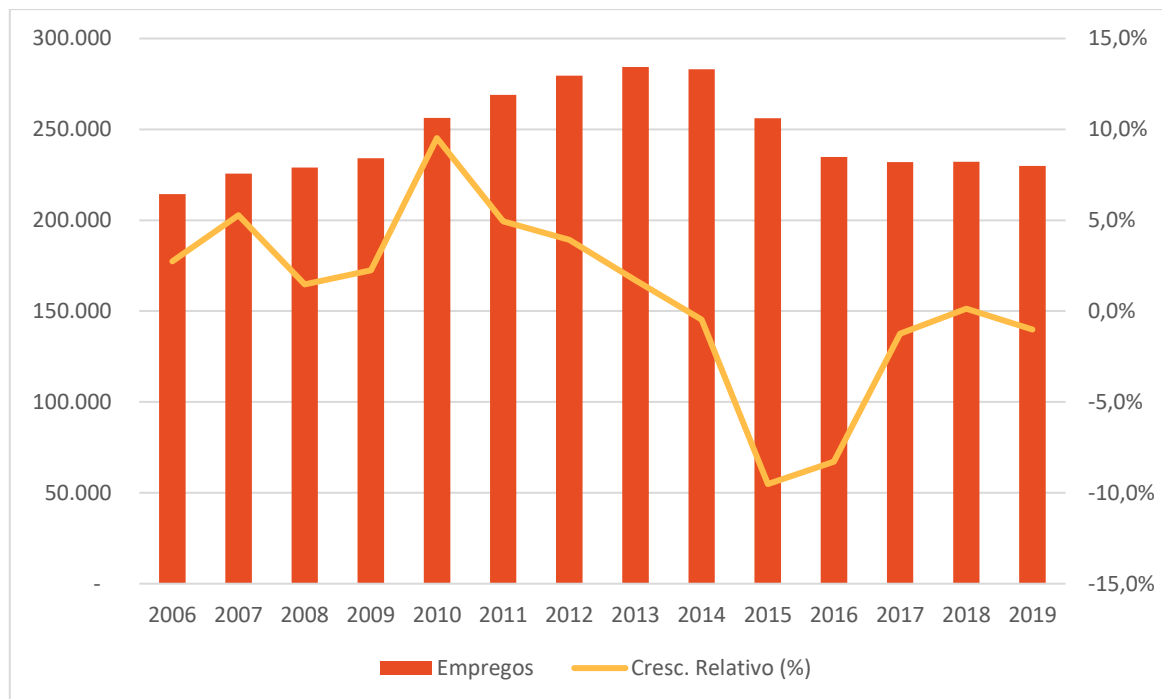


Gráfico 2. Evolução da produção industrial (mil reais) de móveis com predominância de madeira no Brasil. Fonte: IBGE. Organizado pelo autor, 2021.

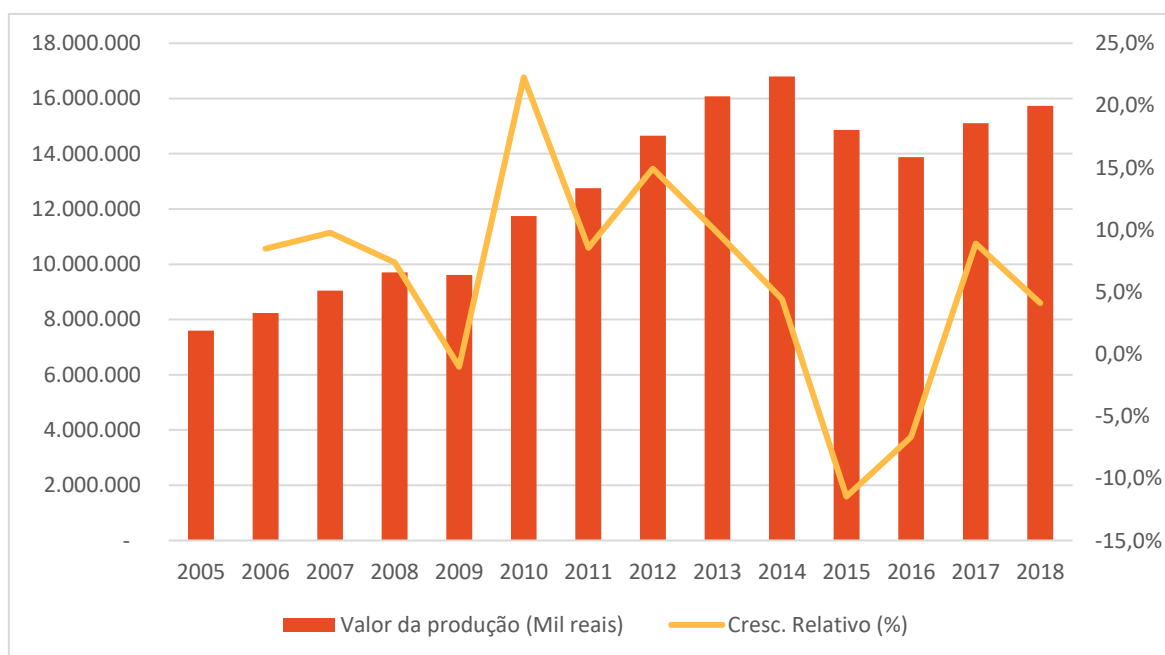


Gráfico 3. Evolução da produção de móveis de madeira de uso residencial (unidades). Fonte: IBGE. Organizado pelo autor, 2021.

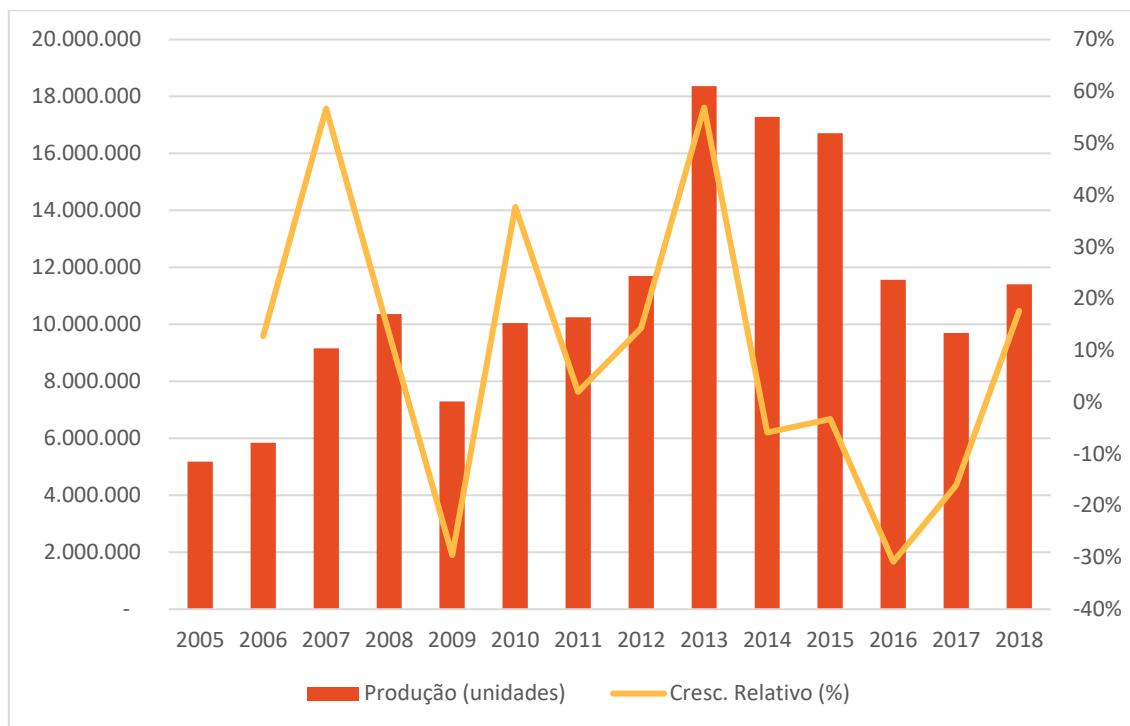
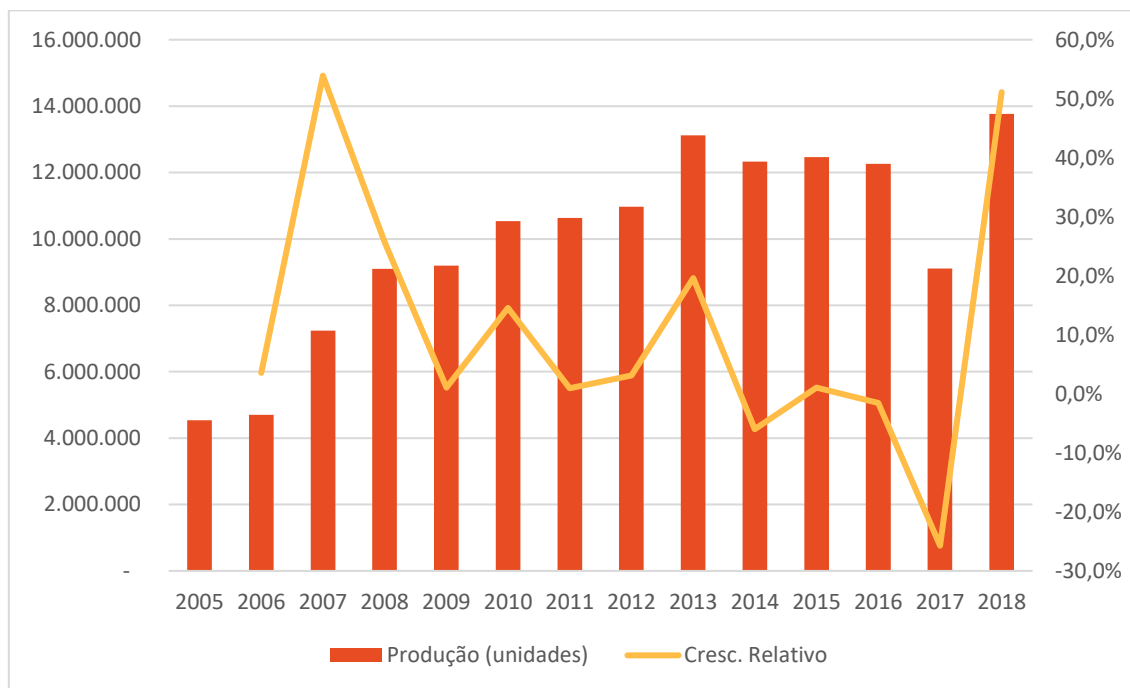


Gráfico 4. Produção de móveis modulares de madeira para cozinha (unidades). Fonte: IBGE. Organizado pelo autor, 2021.



No melhor momento para o setor, o número de empregos formais cresceu 4,15% entre 2007-13, desempenho bem diferente se comparado aos -3,40% entre 2014-19 (RAIS, 2019). Já o valor da produção industrial cresceu 10,23% e -0,15% respectivamente nos mesmos períodos (IBGE, 2018).

Assim, conclui-se que o desempenho recente do setor moveleiro refletiu, em grande medida, no crescimento econômico e de renda verificado nos governos Lula-Dilma e no incentivo dado ao setor de construção civil no período, fazendo-se expandir a produção de móveis para atender às demandas por conta de novas moradias, notadamente por meio de programas como o já mencionado MCMV, lançado em 2009. A partir disso, nos anos subsequentes, houve saltos em todos os indicadores de produção e de empregos formais no setor moveleiro, como mostram os gráficos 1, 2, 3 e 4.

Inovação no setor de móveis: análise de dados da Pesquisa Industrial de Inovação Tecnológica (PINTEC)

No modo de produção capitalista, as firmas são impulsionadas constantemente a buscar novas oportunidades de crescimento da produção e de aplicação do seu capital acumulado. Para isso, estratégias de expansão são elaboradas, das quais a inovação tecnológica é central nesse processo (KON, 1999).

Schumpeter (1961) concorda com Marx a respeito de o capitalismo ser um processo evolutivo e seu desenvolvimento não ter caráter estacionário. Apesar de advir da escola Marshalliana, reconhece ainda a inexistência da concorrência perfeita, e em sua obra confere à inovação tecnológica papel central no capitalismo, em que seria ela mesma o motor de crescimento.

O impulso fundamental que põe e mantém em funcionamento a máquina capitalista procede dos novos bens de consumo, dos novos métodos de produção ou transporte, dos novos mercados e das novas formas de organização industrial criadas pela empresa capitalista. A mutação industrial — se é que podemos usar esse termo biológico — que revoluciona incessantemente a estrutura econômica a partir de dentro, destruindo incessantemente o antigo e criando elementos novos. (Essas revoluções não são permanentes, num sentido estrito; ocorrem em explosões discretas, separadas por períodos de calma relativa. O processo, como um todo, no entanto, jamais para, no sentido de que há sempre uma revolução ou absorção dos resultados da revolução, ambos formando o que é conhecido como ciclos econômicos.) Este processo de destruição criadora é básico para se entender o capitalismo. É dele que se constitui o capitalismo e a ele deve se adaptar toda a empresa capitalista para sobreviver (SCHUMPETER, 1961, p. 110).

Kon (1999), no mesmo sentido de Schumpeter (1961), destaca algumas dessas estratégias de inovação para superar a concorrência e manter-se em um determinado mercado, tais como a diferenciação do produto, maior esforço de vendas, processo de diversificação de produtos, novas técnicas de produção etc. Porém, Schumpeter não foi o primeiro a perceber o caráter inovador da indústria moderna capitalista; assim, seguem alguns apontamentos de Marx sobre o tema:

A indústria moderna jamais considera nem trata como definitiva a forma existente de um processo de produção. Sua base técnica é, por isso, revolucionária, ao passo que a de todos os modos de produção anteriores era essencialmente conservadora. Por meio da maquinaria, de processos químicos e outros métodos, ela revoluciona continuamente, com a base técnica da produção, as funções dos trabalhadores e as combinações sociais do processo de trabalho. Desse modo, ela revoluciona de modo igualmente constante a divisão do trabalho no interior da sociedade e não cessa de lançar massas de capital e massas de trabalhadores de um ramo de produção a outro. A natureza da grande indústria condiciona, assim, a variação do trabalho, a fluidez da função, a mobilidade pluridimensional do trabalhador (MARX, 1996, p. 442-444).



É uma lei da acumulação capitalista que uma parte do lucro seja reinvestido com o objetivo de obter um montante de capital maior que o inicial investido. A isso Marx chamou de reprodução ampliada do capital, processo que se repete sucessivamente, pois

O desenvolvimento da produção capitalista faz do contínuo aumento do capital investido numa empresa industrial uma necessidade e a concorrência impõe a todo capitalista individual as leis imanentes do modo de produção capitalista como leis coercitivas externas. Obriga-o a ampliar seu capital continuamente para conservá-lo, e ampliá-lo ele só o pode mediante acumulação progressiva (MARX, 1996, p. 225).

Por conseguinte, as inovações tecnológicas são centrais para entender o desenvolvimento do ramo moveleiro, o aumento da produtividade e as modificações do produto final ao longo do tempo. Nesse sentido,

[...] a principal origem de inovações tecnológicas do setor moveleiro é a indústria de bens de capital. A crescente evolução tecnológica nos ramos da eletrônica e da informática vem ampliando a inteligência embarcada em máquinas e equipamentos voltados ao setor moveleiro, a exemplo dos sistemas dotados de Comando Numérico Computadorizado (CNC). Inovações geradas na indústria de bens de capital permitem ganhos de produtividade significativos, na medida em que racionalizam, aceleram e conferem maior versatilidade aos processos produtivos, otimizam o uso de materiais, oferecem novas possibilidades de design e melhoram o acabamento dos produtos finais (GALINARI, TEIXEIRA JUNIOR E MORGADO, 2013, p. 246).

Uma dimensão importante a ser analisada é o desempenho das inovações do setor moveleiro no Brasil. Sobre esse tema, Galinari, Teixeira Junior e Morgado (2013, p. 248-249) afirmam que

Trata-se, em resumo, de um setor em que a pouca inovação observada diz respeito, sobretudo, à atualização do maquinário – pelo menos no que tange às inovações em produto, a baixa inovatividade não é exclusiva da produção nacional, já que as oportunidades tecnológicas relativas aos produtos da indústria moveleira são relativamente baixas. Por outro lado, o setor se destaca como um dos que mais implementam modificações na estética ou no desenho. A Pintec 2008 estima que 56,28% das empresas do setor moveleiro implementaram modificações na estética ou no desenho. De fato, as relações entre essa indústria e o design têm um longo histórico, sendo aquela uma área prioritária para as aplicações do design e este um elemento central da evolução do setor. Quando se apura o percentual de empresas que adotaram modificações no design no universo das empresas que realizaram algum tipo de inovação, o setor moveleiro surge como o terceiro colocado, com 70,26%, atrás apenas dos fabricantes de equipamentos de comunicação (77,82%) e da indústria automobilística (84,20%).

De fato, não parece incorreto afirmar que uma das principais inovações do setor de móveis está na constante atenção dada às modificações no design dos seus produtos. Outrora, olhando os dados da PINTEC 2008, não se encontra a separação “modificações no design”, como apresentam os autores, mas sim uma única classificação: “inovações na estética, desenho ou outras mudanças”, a qual realmente resulta nos 70% do setor de móveis, ficando atrás somente dos setores já elencados na citação.

Depois de 2008, o IBGE publicou três novos estudos da PINTEC que possibilitaram perceber a oscilação da posição do setor de móveis entre os principais setores da indústria que inovaram na categoria “estética, desenho e outras mudanças”. Na pesquisa de 2011, o ramo moveleiro ficou na 15ª posição¹⁰, mas ainda com alto número de empresas inovando nessa categoria (73,84%). Já em 2014, o setor apareceu na 6ª posição (67,87%). Em 2017, no estudo mais recente, 58,31% das indústrias inovaram em “estética, desenho e outras mudanças”, o que posicionou o setor de móveis em 20º lugar entre 68 segmentos, ficando atrás de setores

¹⁰ Num universo de 68 setores, número que se repetiu nas pesquisas de 2014 e 2017.



como o de fabricação de automóveis, bebidas, equipamentos de informática, confecções e vestuário, produtos farmacêuticos etc., mas à frente dos ramos de fabricação de produtos alimentícios e farmoquímicos, por exemplo.

Atualmente, 1.775 empresas do setor de produção de móveis informaram ter “implementado inovações em processo e/ou produto” ¹¹, o que equivale a 34,52% ¹² das firmas que fizeram parte da pesquisa. Deste total de empresas que inovaram, 401 possuíam um grupo de pessoas ocupadas em atividades internas de pesquisa e desenvolvimento, sendo 1 doutor, 25 mestres, 295 graduados e 80 com Ensino Médio ou Fundamental (IBGE, 2017).

As empresas que implementaram inovações em produto equivalem a 16,30% das indústrias pesquisadas. Destas, 87 empresas declararam ter “implementado inovações de produto novo para o mercado nacional”, o que corresponde a 1,69% das empresas moveleiras consultadas. Em 2008, esse percentual foi de 2,89%; em 2011, de 1,12%; e, em 2014, foi de 3,29%. O total das indústrias de transformação não foi muito diferente do setor de móveis, pois 4,68% das empresas declararam inovações com algum produto novo para o mercado nacional (IBGE, 2017).

Especificamente sobre as inovações em produto, a pesquisa aponta que nenhuma empresa brasileira de móveis lançou produtos inéditos em termos do mercado mundial. Concomitantemente, 19 empresas declararam que aprimoraram um produto que já existia no mercado global, mas não no nacional (IBGE, 2017).

Das 1.668 empresas que declararam ter realizado no período “dispêndios com atividades inovativas”, 76,85% adquiriram máquinas e equipamentos, que representaram mais da metade do valor investido em inovação (58,30%), seguido de atividades internas de pesquisa e de desenvolvimento (17,68%) (IBGE, 2017).

Interessante ressaltar que 55,3% dos recursos para pesquisa e desenvolvimento provieram da própria empresa, 44,3%, do setor público e o restante 0,4% procedeu do exterior. Esse dado coloca o setor de móveis no triênio 2014-17, curiosamente, como um dos que mais buscaram recursos do Estado para pesquisa e desenvolvimento, permanecendo atrás somente do setor de fabricação de produtos farmoquímicos (este, com 53,2%) e do setor de fabricação de cabines, carrocerias e reboques (este, com 56,7%) (IBGE, 2017).

É importante sublinhar que a presente pesquisa trabalha com a seguinte hipótese: comumente, credita-se à década de 1990 o período em que as indústrias se reestruturaram, adquiriram máquinas modernas, entre outros, mas esse processo também ocorreu em meados dos anos 2000, quando houve crescimento econômico

¹¹ Já as empresas que implementaram inovações em processo E produto somaram 641, que correspondem a 12,46% das indústrias pesquisadas.

¹² A indústria de transformação como um todo registrou 34,32% de empresas pesquisadas que implementaram inovações em processo e/ou produto.



e expansão da demanda por bens de consumo duráveis, inclusive móveis, o que intensificou a concorrência entre os produtores. Com o mercado interno aquecido, as fábricas precisaram aumentar sua produção para suprir a demanda, fazendo com que necessitassem contratar mais trabalhadores, expandir a estrutura física e adquirir máquinas, provavelmente mais modernas das que já existiam na empresa.

No triênio 1998-2000, quando se iniciaram as pesquisas da PINTEC, 27,68% das indústrias moveleiras pesquisadas realizaram inovação em processo. Em 2003, foram 28,37%; já em 2005, o número evoluiu para 25,99%; em 2008, atingiu-se o índice de 27,97%; em 2011, saltou para 37,38%; e, em 2014, o percentual de empresas que inovaram em processo foi de 41,30%. Em 2017, caiu para 30,67%, dados que já captaram exatamente anos de queda acentuada do PIB e crise econômica no país.

Esses dados convergem para o que se argumentou há pouco, e que, agora, é possível afirmar: as empresas produtoras de móveis inovaram muito mais quando a economia teve um desempenho de crescimento, e o setor foi beneficiado por medidas do Governo Federal. Portanto, não é correto endossar o argumento de que a abertura comercial dos anos 1990, da forma que ocorreu, deixou um saldo positivo para a indústria nacional (antes, o contrário). É central o papel do crescimento econômico, da demanda e do investimento, pois são os principais vetores de desenvolvimento não somente da indústria detentora do território nacional como principal mercado (tal qual o setor de móveis), mas do próprio país como um todo.

Sobre a expansão dos investimentos em inovações concretizadas pelo setor moveleiro no período analisado, pode-se dizer que elas não são radicais, mesmo que realizadas por uma indústria ou por serviços nacionais, nem do ponto de vista da produção, nem do processo produtivo, haja vista que os bens de capital e o desenho dos móveis são produzidos e pensados, respectivamente, no exterior, dada a desindustrialização desse setor no país. No Brasil, de modo geral, ocorrem inovações pontuais nesse segmento.



Considerações Finais

Os polos moveleiros nacionais apresentam uma dinâmica geoeconômica conformada a partir de combinações geográficas (CHOLLEY, 1964) e de múltiplas determinações (MARX, 2008) sociais, culturais, naturais, de inovações tecnológicas, concorrência entre firmas, políticas econômicas etc.

As semelhanças e diferenças qualitativas entre os principais polos de produção de móveis demandam um estudo mais aprofundado destes polos, para que assim seja possível compreender de que forma se articulam as características regionais aos processos mais gerais, ou, em outros termos, indaga-se: os polos moveleiros respondem aos impulsos nacionais de forma igual? Ou, ainda: que aspectos assemelham e diferenciam as principais localidades de produção moveleira?

Nos polos da região sul do Brasil, por exemplo, onde se concentram mais de 50% da produção moveleira nacional (IBGE, 2018), predominam como característica a formação de industriais oriundos da pequena produção mercantil, geralmente imigrantes com poucos recursos financeiros, mas com conhecimento técnico/artesanal para o trabalho com a madeira.

Do ponto de vista dos encadeamentos produtivos, com base nessa pesquisa, pode-se afirmar que boa parte dos insumos utilizados na fabricação moveleira é nacional, sendo a principal matéria-prima a madeira (o que é explicado em grande medida pela competitividade do setor florestal brasileiro) e ainda outros insumos, como plásticos, têxteis, tintas e até algumas máquinas e equipamentos que são produzidos no país. O que se percebeu é que as máquinas mais modernas precisam ser importadas, sobretudo da Alemanha e da Itália, pois são países líderes no setor de máquinas e equipamentos para os móveis.

Demonstrou-se, ainda, que a produção de móveis foi impulsionada a partir dos anos 2000. Os dados mostram saltos no valor da produção, número de unidades produzidas e empregos no setor, o que comprova empiricamente a importância da participação do Estado e das políticas expansionistas para alavancar setores industriais e induzir o crescimento e desenvolvimento econômico de uma nação.

O artigo buscou contribuir no campo da Geografia para os estudos de um segmento industrial pouco investigado nessa área. Quatro dimensões fundamentais desse setor foram abordadas: histórica, produtiva, espacial e tecnológica, com o intuito de desvendar a totalidade do processo e não apenas as suas partes isoladas. Procurou-se demonstrar por meio de dados econômicos que a produção moveleira obteve salto qualitativo e quantitativo durante os governos Lula-Dilma, o que provocou mudanças geográficas relevantes, como o crescimento da mão de obra formal no setor, maior fluxo produtivo, financeiro e tecnológico e desenvolvimento dos municípios polos da produção de móveis.



Por fim, o texto também chamou atenção para a discussão do papel do Estado no desenvolvimento, reforçando sua importância e indispensabilidade a saltos qualitativos de desenvolvimento, nitidamente em sentido oposto ao que vem ocorrendo nos últimos anos, no Brasil, com medidas de precarização do trabalho, desinvestimento público, enfraquecimento de bancos estatais e de programas sociais e políticas de austeridade fiscal em diversas áreas.



REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Glória Lúcia. R. C. **O design na Indústria Moveleira Brasileira e seus Aspectos Sustentáveis**: estudo de caso no polo moveleiro de Arapongas-Pr. 2009. 121 f. Dissertação (mestrado em Design). Programa de Pós-Graduação em Design, Unesp, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – FAAC. Bauru-SP, 2009.
- BIELSCHOWSKY, Ricardo. Estratégia de desenvolvimento e as três frentes de expansão no Brasil: um desenho conceitual. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 21, Número Especial, p. 729-747, dez. 2012.
- BRASIL. Ministério da Economia. Indústria, Comércio Exterior e Serviços/Balança Comercial/Comex. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/>. Acesso em: 07 setembro 2021.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz. C. **A construção Política do Brasil**: sociedade, economia e Estado desde a independência. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2016. 496p.
- CARVALHO, Laura. **Valsa Brasileira**: do boom ao caos econômico. São Paulo: Todavia, 2018. 192p.
- CHOLLEY, André. Observações sobre alguns pontos de vista Geográficos. 1ª parte, **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, n. 179, p. 139-145, Rio de Janeiro, 1964.
- CHOLLEY, André. Observações sobre alguns pontos de vista Geográficos. 2ª parte, **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, n. 180, p. 267-276, Rio de Janeiro, 1964.
- COUTINHO, Luciano. G; LAPLANE, Mariano. F; TAVARES FILHO, Nelson; KUPFER, David; FARINA, Elizabeth; SABBATINI, Rodrigo. **Estudo da Competitividade de Cadeias Integradas no Brasil**: impactos das zonas de livre comércio. Cadeia: Madeira e Móveis. Campinas: UNICAMP, 2002.
- ESPÍNDOLA, Carlos. J. Considerações sobre os determinantes do desenvolvimento econômico da América Latina: dos anos de 1980 ao início do século XXI. **Revista Pantaneira**, V. 16. Pag. 28 - 42, UFMS, Aquidauana-MS, 2019.
- FIEP. Federação das Indústrias do Estado do Paraná. **Panorama Setorial: indústria de móveis: Paraná 2017**. Curitiba: Fiep, 2017.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Pesquisa Industrial de Inovação Tecnológica – PINTEC, 2017. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pintec/tabelas>. Acesso em: 25 novembro 2021.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Industrial Anual – Produto, 2018. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pia-empresa/tabelas/brasil/2019>. Acesso em: 14 agosto 2021.
- GALINARI, Rangel; TEIXEIRA JUNIOR, Job. R; MORGADO, Ricardo. R. A Competitividade da Indústria de Móveis do Brasil: situação atual e perspectivas. **BNDES Setorial**, 37, p. 227-272. Rio de Janeiro: BNDES, 2013.
- HIRSCHMAN, Albert. **Estratégia do Desenvolvimento Econômico**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. 322p.
- KEYNES, John. M. **A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda**. 2 ed. São Paulo: Nova Cultural (Os economistas), 1985. 328p.
- KON, Anita. **Economia Industrial**. São Paulo: Nobel, 1999. 216p.
- MAMIGONIAN, Armen. Teorias Sobre a Industrialização Brasileira. **Cadernos Geográficos**, Florianópolis (SC), n. 2, maio, 2000. 49p.
- MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro primeiro, v.1, tomo 1. Col: Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução de Florestan Fernandes. 2ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2008. 432p.
- MAZZOCHIN, Marinez da Silva. **Indústria Madeireira Mundial e Brasileira**: o caso Paranaense. 2010. 202 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Unioeste. Francisco Beltrão, 2010.
- MEDEIROS, Marlon. C. Pactos de poder e política econômica: comparações Brasil-China. **Geosul**, v. 32, n. 63, p. 269-286, Florianópolis, jan/abr. 2017.



PAULANI, Leda. M. A experiência brasileira entre 2003 e 2014: Neodesenvolvimentismo? **Cadernos do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, v.12, n. 20, p. 135-155, jan/jun. 2017.

PEREIRA, Túlio. C. P. **A Indústria Moveleira no Brasil e os Fatores Determinantes das Exportações**. 2009. 104 f. Trabalho de conclusão de curso de graduação (Bacharelado em Ciências Econômicas). Departamento de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2009.

POMAR, Valter. Brasil: variáveis estratégicas. **Crítica marxista**, n. 42, 2016.

RAIS, **Relação Anual de Informações Sociais**. Bases estatísticas RAIS e CAGED, 2019. Disponível em: <https://bi.mte.gov.br/bgcaged/inicial.php>. Acesso em: 12 setembro 2021.

RANGEL, Ignácio. Desenvolvimento e Projeto. **Revista da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais**, ano 5, nº 9, Belo Horizonte, janeiro-junho, 1956.

RANGEL, Ignácio. **Elementos de Economia do Projeto**. São Paulo: Editora Bienal, 2ª ed. [1959] 1987.

RITTER, Carl. **Comparative Geography**. Miami-USA: HardPress, [1856] 2017.

RODRIGUES, Dennison. B. **A Industrialização do Município de Francisco Beltrão/PR: o caso da indústria moveleira**. 2008. 130 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

SCHUMPETER, Joseph. A. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961. 582p.

THE ATLAS OF ECONOMIC COMPLEXITY. Disponível em: <https://atlas.cid.harvard.edu/explore>. Acesso em: 18 dezembro 2021.